



## Não pode a mulher ser conhecida pela pena de outra mulher?: a produção biográfica de Ignez Sabino e María Eugenia Martínez no Brasil e no Chile (séculos XIX e XX)

Can a woman not be known through the pen of another woman?: the biographical production of Ignez Sabino and María Eugenia Martínez in Brazil and Chile (19th and 20th centuries)

*Geisy Suet de Souza*<sup>1</sup>

### RESUMO

Partindo da produção biográfica de Ignez Sabino e María Eugenia Martínez, o presente trabalho busca analisar os desafios e estratégias adotados pelas autoras para se inserirem na imprensa de seus países, através de suas negociações com o discurso oficial e o mercado editorial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografias. Imprensa Feminina. Imprensa Latino-Americana. Redes Intelectuais.

### RESUMEN

A partir de las obras biográficas de Ignez Sabino y María Eugenia Martínez, este artículo busca analizar los desafíos y las estrategias que adoptaron las autoras para consolidarse en la prensa de sus países, a través de sus negociaciones con el discurso oficial y el mercado editorial.

**PALABRAS-CLAVE:** Biografías. Prensa Femenina. Prensa Latinoamericana. Redes Intelectuales.

### ABSTRACT

Based on the biographical works of Ignez Sabino and María Eugenia Martínez, this paper seeks to analyze the challenges and strategies adopted by the authors to establish themselves in the press of their countries, through their negotiations with the official discourse and the publishing market..

**KEYWORDS:** Biographies. Women's Press. Latin American Press. Intellectual Networks.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Mestranda em História no programa de História Social da Universidade de São Paulo, com pesquisa financiada pelo CNPq e Programa Becas Santander. E-mail: [geisy.souza@usp.br](mailto:geisy.souza@usp.br)

## Introdução

Embora a biografia seja um gênero textual que remonta à antiguidade, ao longo da história ela continuou a ser mobilizada nos mais diversos contextos, passando por algumas transformações e atendendo a diferentes expectativas políticas, culturais e sociais (DOSSE, 2015). No contexto de consolidação das independências na América Latina, mais precisamente a partir da segunda metade do século XIX, este gênero foi utilizado por importantes nomes da intelectualidade e historiografia do período.

No caso do Brasil, as biografias foram escolhidas pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, IHGB, como uma das ferramentas para difusão do seu discurso histórico, político e nacionalista (GUIMARÃES, 1988; CEZAR, 2003; OLIVEIRA, 2015). Autores como Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Joaquim Manuel de Macedo, Adolfo Varnhagen, entre outros, se dedicaram à produção do gênero publicando pequenos textos biográficos na Revista do IHGB e posteriormente transformando alguns desses trabalhos em livros (CEZAR, 2003, p. 75).

Esta prática também foi adotada por intelectuais chilenos oitocentistas. Observando a produção do político e historiador Benjamín Vicuña Mackenna, um dos principais nomes da intelectualidade chilena do século XIX e uma referência até os dias atuais na produção do conhecimento histórico do país, o tipo de livro mais publicado pelo autor foram biografias. Segundo dados do Museu Benjamin Vicuña Mackenna, dos 192 livros publicados pelo autor ao longo de sua vida, 38 foram biografias, 25 foram sobre história, 24 sobre história urbana, 24 sobre temas sociais e os demais sobre temas diversos. Outro nome de peso que dedicou algumas linhas ao gênero foi José Toribio Medina (1852-1930). Medina, assim como Vicuña Mackenna, foi um dos mais importantes intelectuais chilenos do século XIX, se destacando pelo seu trabalho de recompilação bibliográfica e levantamento de fontes sobre a história do Chile. Conforme dados arrolados por Guillermo Feliú Cruz, Medina publicou cerca de 392 trabalhos, incluindo livros, folhetos e artigos.

Dentro desta volumosa produção, o autor biografou ou citou com amplas referências cerca 7.500 personalidades (SUBERCASEUAX, 2000, p. 86).

Segundo Marina Alvarado Cornejo em “ La biografía como ancla: prensa y folletín chilenos del siglo XIX (1842-1881)” (ALVARADO CORNEJO, 2017), as biografias no século XIX atendiam a demanda de criar novas referências e símbolos para o recém-independizado país. De acordo com a autora, embora o Chile tenha se independizado politicamente da Espanha em 1818, o país ainda precisava fazê-lo desde uma perspectiva intelectual e cultural. Assim, muitos autores e autoras recorreram às biografias para apresentar um conjunto de referências com as quais os chilenos pudessem se identificar e se inspirar.

Uma vez que este gênero textual conquistou um certo espaço entre a elite letrada de seu período, algumas escritoras também se valeram dele como forma de adentrar os espaços literários e defender a profissionalização feminina, como é o caso de Ignez Sabino e María Eugenia Martínez. Conforme apontam Laila Correa Silva e Maria da Conceição Pinheiro de Araújo, seja através do livro “*Mulheres Ilustres do Brazil*” publicado em 1899, ou da coluna *Esboços Femininos*, publicada pela autora entre 1890 e 1891 no jornal *A Estação*, Ignez Sabino, assim como demais autoras de sua época, recorreu à escrita de biografias para, através do exemplo de outras mulheres, defender o direito à instrução e profissionalização feminina.

O mesmo apontam Joyce Contreras Villalobos (VILLALOBOS, 2020) e Marina Alvarado Cornejo (CORNEJO, 2015) para o caso de María Eugenia Martínez. Segundo Villalobos, para legitimar a presença de mulheres nos espaços literários muitas autoras recorreram à postulação de modelos heróicos femininos, fazendo elogiosas referências às primeiras chilenas a conquistarem títulos profissionais (VILLALOBOS, 2020, p. 133). Prática adotada também por Martínez, que publicava na revista literária *La Lira Chilena* (1898 - 1907) sob o pseudônimo de Maruja e, em 1911, lançou o livro *Mujeres Célebres de Chile*.

Embora existam estudos no Brasil sobre a produção escrita de Ignez Sabino (ARAÚJO, 2008; LIMA, 2019; SILVA, 2021) e análises no Chile feitas a partir dos escritos de María Eugenia Martínez (CORTÉS ALIAGA, 2024; CONTRERAS VILLALOBOS, 2020; ALVARADO CORNEJO, 2015) que destacam os desafios e as contribuições de seus trabalhos, uma análise comparativa entre a trajetória e a produção das duas autoras nos permite ter um visão mais ampla sobre as dinâmicas e hierarquias das relações de gênero no mundo das letras latino-americano.

Assim, para compreender a participação e colaboração das mulheres na construção de conhecimentos e discursos sobre o papel das mulheres na sociedade, observarei de maneira comparada como as duas autoras selecionadas se inseriram no mercado de impressos latino-americanos, considerando as transformações ocorridas nesse campo e as conexões travadas por elas nesse processo. Neste artigo defendo a hipótese de que a trajetória profissional delas dialoga com o processo de produção de suas escritas biográficas, uma vez que para terem seus trabalhos publicados as autoras tiveram de mediar seus interesses e pontos de vista com os discursos e práticas hegemônicas da época.

### **A produção escrita e biográfica de Ignez Sabino**

Ignez Sabino de Pinho Maia (1853-1911) foi poetisa, romancista, contista, jornalista, memorialista e biógrafa. Com boa formação, estudou na Inglaterra e seguiu carreira no mundo das letras, atuando em Portugal e em diferentes cidades brasileiras como Recife, São Paulo e Rio de Janeiro. A escritora teve uma ampla e diversificada atuação no mundo das letras, escrevendo poemas, ensaios, biografias, contos, prosa literária, crônicas e artigos.

Seu primeiro livro, *Ave Libertas*, foi publicado em 1886 e consistia num poemeto precedido de uma carta às senhoras que faziam parte da associação abolicionista de mesmo nome. No mesmo ano ela publicou o livro de poemas

*Rosas Pálidas*. Em 1887, ela lançou seu terceiro livro, *Impressões* e três anos depois, em 1891, a escritora debutou no mercado editorial da capital com *Contos e Lapidações*, publicado pela reconhecida editora Laemmert. Agora publicando por editoras da capital, em 1897 Sabino lançou outro livro de contos, *Noites Brasileiras*, publicado pela editora de Hippolyte Garnier, trabalho que lhe rendeu sua nomeação no Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, sendo a primeira mulher a ser membro da instituição (ARAÚJO, 2008, p. 65). No ano seguinte, foi a vez de *Lutas do Coração* ser materializado pela editora J. Santos, e seu último livro publicado foi *Mulheres Illustres do Brazil*, lançado pela editora H. Garnier em 1899.

Em sua produção jornalística Sabino teve um alcance nacional, escrevendo para veículos de diferentes regiões do país, conforme podemos ver abaixo no levantamento feito por Maria da Conceição Pinheiro Araújo:

“Alagoas (*A União Acadêmica*); Bahia (*Diário da Bahia*); Pernambuco (*Revista da Sociedade Ave Libertas do Recife*); Rio Grande do Sul (*Corymbo e Escrínio*); Rio de Janeiro (*Almanaque Brasileiro Garnier, Echo das Damas, A Estação, Jornal do Brasil, A Semana, O Tempo*); São Paulo (*A Mensageira*).” (ARAÚJO, 2008, p. 69)

Além desses veículos, a autora também publicou nos cariocas *Família, Gazeta de Notícias* e *O Paiz*, e no paraense *A Folha do Norte*. Em Portugal ela contribuiu com os lisboetas *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, fundado em 1851 por Alexandre Magno Castilho, e *Almanach das Senhoras*, fundado em 1871 por Guiomar Torrezão.

Para conseguir tamanho alcance, a escritora teve de se valer de distintas estratégias para inserir-se na imprensa da época. Parte desses esforços pode ser identificada a partir das introduções e prefácios de seus livros, além das dedicatórias e citações da autora.

Em 1887, no prefácio do seu livro *Impressões*, a autora se apresenta e apresenta o conteúdo da obra, e utiliza esse espaço para denunciar os desafios de ser uma escritora mulher nesta época. Em desacordo com as limitações impostas àquelas que enveredavam pelo mundo das letras, como uma espécie

de afronta a este cenário tão hostil às mulheres, Sabino dedicou este livro às senhoras brasileiras. Além dessa dedicatória geral, ao longo da obra, a autora também dedica poemas específicos a personalidades eminentes da época ou do seu círculo literário. Entre os nomes homenageados pela escritora encontramos a também poetisa portuguesa Maria Amalia Vaz de Carvalho, o estadista e poeta brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva e o poeta, teatrólogo e membro da Academia Baiana de Letras, Affonso Olindense R. de Sousa.

No livro *Contos e Lapidações*, esse esforço é ampliado, visto que todos os contos, poemas e artigos possuem dedicatória. São 19 contos, 30 poesias e 2 artigos, o que significa um total de 51 dedicatórias. Nelas a autora inclui seus familiares como irmãos, pais e marido, uma série de mulheres, em sua grande maioria escritoras, como a jornalista e poetisa portuguesa Albertina Paraízo e a poetisa maranhense Marianna Gonçalves, além de figuras eminentes do campo político e literário. Entre essas figuras são homenageados nomes como Arthur de Azevedo, Valentim Magalhães e Silvio Romero, fundadores da Academia Brasileira de Letras e Damasceno Vieira, jornalista, poeta e historiador, ligado ao movimento positivista, membro de distintas sociedades literárias e sócio do IHGB. Outro nome lembrado pela escritora foi o de Belarmino Carneiro. Carneiro foi um político, poeta e jornalista pernambucano de finais do século XIX e princípios do século XX. Além de ter fundado periódicos e colaborado com outros fora do Brasil, em Lisboa e Buenos Aires, Carneiro também foi eleito deputado constituinte e participou da elaboração da constituição de 1891.

Esse esforço em construir uma rede tão ampla e repleta de membros da elite literária brasileira e portuguesa reflete, em parte, os desafios de uma mulher se colocar dentro do mundo das letras e do mercado de impressos da época. Embora a imprensa brasileira tenha se iniciado em 1808, segundo Bárbara Figueiredo Souto, o primeiro periódico dirigido por uma mulher apareceu no Brasil apenas em 1833 e esta prática só começou a se difundir entre outras senhoras em meados do século XIX. A pesquisadora ao longo do

seu trabalho aponta diversos desafios enfrentados pelas diretoras, redatoras e escritoras, que passavam pela falta de letramento e acesso ao ensino superior, preconceitos e estereótipos relacionados à “irracionalidade” feminina e a dificuldade para conseguir financiamento para suas publicações (SOUTO, 2019). Alguns deles podemos identificar a partir dos prefácios dos livros de Ignez Sabino.

Em *Impressões*, a poetisa afirma que não recebeu nenhuma carta de recomendação e o livro foi feito exclusivamente a partir do seu esforço. Ela também chama a atenção para as dificuldades que a circundavam dizendo: “Eis-me pela terceira vez ainda envolvida nas lidas do prélo, luctando com os temporaes espiritos divergentes, affrontando o desanimo que me cerca, repellindo a opinião geral que condemna a mulher á estreiteza das quatro paredes que a encerram”,(SABINO, 1887, s/n) e completa afirmando: “O circulo que me rodeia, é muito estreito. Ainda abraça antigos preconceitos, que só com o tempo poderão ser expellidos./ As senhoras se intimidam, e a prova é que rara, e muito rara mesmo, é aquella que sacode de si o jugo lançando-se affoita no mundo tumultuoso e seductor das lettras” (SABINO, 1887, s/n).

Embora neste trabalho a autora tenha assumido um posicionamento mais crítico frente aos desafios de ser uma mulher escritora no século XIX, em *Contos e Lapidações* a vemos adotar uma postura diferente para encarar essas barreiras. Publicando pela primeira vez por uma editora carioca, Sabino adota um tom mais comedido e em alguns momentos até depreciativo no prefácio deste livro. Antecipando-se às possíveis críticas que poderia receber, logo na abertura ela já declara a sua condição de novata neste cenário, pois começa dizendo “não há livro de autor desconhecido sem um prefacio qualquer, e não existe o prefacio sem o nome de quem o fez”, (SABINO, 1891, p. 1) mais adiante ela reforça este dado afirmando: “sou ainda pouco conhecida na litteratura d’esta capital”(SABINO, 1891, p. 2). Ela também faz observações bastante negativas sobre si própria e a qualidade de seu trabalho, conforme podemos ver nos trechos nos quais diz: “o pouco que valho, sei; por

isso muito receiosa offereço ao publico este pequeno volume”; “são uns pobres contos, simples, modestos, despretensiosos”; “os meus versos são muito pobres, porém, como estão de accordo com a pequenez do meu éstro, só lapidados eu os poderia dar em volume” (SABINO, 1891, p. 1-2).

Essa retórica da autodepreciação foi uma estratégia comum entre escritoras do século XIX, e de outros períodos, para conseguirem publicizar os seus escritos. Através dela, as autoras desmereciam seu próprio trabalho, colocando sua escrita como insuficiente ou de baixa qualidade, para com isso antecipar-se às possíveis críticas dos especialistas e público da época, se protegendo dos julgamentos e parâmetros masculinos. Segundo Márgara Russotto, uma das causas por trás desse mecanismo de defesa é a posição de subalternidade que comumente as mulheres enfrentaram e a sua fragilidade diante das relações de poder (RUSSOTO, 1994 *apud* FRANCO, 2008), além é claro da assimilação de certos estereótipos e preconceitos da época.

Se por um lado Sabino desqualifica sua escrita, endossando uma certa posição de subalternidade, por outro sua prática aponta no sentido contrário. A autora não só teve uma profícua produção escrita, explorando diferentes gêneros textuais e contribuindo com jornais de quase todas as regiões do país, como num período de 13 anos publicou 7 livros, tendo alguns deles saído pelas principais editoras da época no Brasil.

Além disso, em 1899 a autora assumiu deliberadamente o desafio de publicar uma galeria de celebridades brasileiras<sup>2</sup>, respondendo ao chamado de Joaquim Norberto de Sousa e Silva que, em 1862, publicou o livro *Brasileiras Célebres*, dizendo esperar ver um dia tal trabalho ser realizado por uma mulher. Sabino não só assumiu essa responsabilidade, como iniciou seu

---

<sup>2</sup> As galerias de celebridades são livros de coletâneas biográficas, geralmente eles reúnem relatos biográficos que não passam de algumas páginas e podem ser organizados segundo temas, como *Brasileiras Célebres*, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, *Pernambucanas Ilustres*; *Galería de Celebridades Argentinas*, organizada por Bartolomé Mitre e *Galería Chilena*. Para mais informações sobre este tipo de publicação ver: CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. MÉTIS: história & cultura – v. 2, n. 3, p. 73-94, jan./jun. 2003; ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. Revista Estudos Históricos, v. 14 n. 25, 2000 e PERUGA, Mónica Bolufer. Galerías de “mujeres ilustres” o el sinuoso camino de la excepción a la norma cotidiana (SS. XV-XVIII). Hispania, v. 60, n. 204, 181-224, 2000.



livro questionando a falta de estudos deste gênero realizado por mulheres: “Porque razão a mulher não poderá ser conhecida pela penna de outra mulher, estudando em si, a psychologia alheia?” (SABINO, 1899, VIII).

Assim, ao longo desta obra ela busca incorporar ao panteão nacional iniciado por Sousa e Silva uma série de escritoras oitocentistas, como Nísia Floresta, Délia (Maria Benedicta de Borhman), Albertina Diniz, Corina Coaracy, entre outras, como forma de defender a ilustração e a participação feminina no mundo das letras.

Para isso, a autora além de apresentar a trajetória de vida de mulheres que se dedicaram à escrita, heroificando estas figuras, ela também recorre ao ideal de maternidade da época para argumentar em favor da profissionalização feminina:

“quando a válvula do progresso conceder à brasileira illustrada, o logar que lhe compete nas artes, letras e sciencias e no jornalismo, quando o homem se convencer que a mulher pode enfrenta-lo, medindo o pensamento, colocando-se na altura de uma Martineau ou d’um Jorge Eliot [ .] as nossas patrícias tornadas em sacerdotisas do bello, serão as melhores professoras dos seus filhos, a cadeira de oiro da liga social, a devotada mãe de família, que conhecendo o cultivo mental, attrahirá pela virtude a seu marido, tornando da sua casa o paraizo d’onde o mais recalcitrante jamais se affastará, indo procurar, longe d’ahi, pecaminosas distracções.” (SABINO, 1899, p. )

Segundo a historiadora chilena Ana María Stuvén, no capítulo “Mujer, Familia y República”, ao longo do século XIX houve uma crescente discussão a respeito dos direitos políticos de diversos grupos sociais com a consolidação dos Estados e ideais republicanos na América Latina. Valendo-se da circulação de conceitos como representação, opinião pública, liberdade, entre outros, as mulheres do período começaram a pleitear a ampliação de seus direitos políticos. No entanto, esse debate encontrava-se fortemente atravessado pelo tema da maternidade, uma vez que desde finais do século XVIII intelectuais vinculados ao movimento iluminista passaram a defender a importância das mulheres na atuação da esfera privada e doméstica, como educadoras morais de seus filhos e família. A essa proposta de maternidade

voltada para atender os interesses do Estado em formação, Ana María Stiven chamou de maternidade republicana.

Assim, escritoras e feministas como Ignez Sabino mobilizaram esse ideal de feminilidade e maternidade republicana<sup>3</sup> para justificar a instrução das mulheres e a sua inserção em determinados mercados de trabalho. Elas alegavam que desta maneira, se elevaria a moral e os valores cívicos das mulheres, que por sua vez exerceriam a função de transmitir tais valores dentro de seus lares.

E a publicação de biografias vinha justamente ao encontro desse argumento, pois através do caso de outras mulheres, elas buscavam provar como era possível não só as mulheres contribuírem na esfera pública, como àquelas que o fizeram se tornaram dignos exemplos de moralidade e patriotismo.

### **A produção escrita e biográfica de María Eugenia Martínez**

María Eugenia Martínez foi uma escritora, ensaísta e educadora chilena do final do século XIX e começo do século XX. Embora nos últimos anos seus trabalhos tenham se tornado uma referência importante para as historiadoras que analisam a produção escrita feminina da passagem do século XIX para o século XX, os detalhes de sua trajetória pessoal e profissional ainda são pouco conhecidos.

Estima-se pela data de suas publicações e pelo círculo de escritoras dos quais fazia parte que ela tenha nascido por volta das décadas de 1860-70 (CONTRERAS VILLALOBOS, 2020, p. 129), e os primeiros trabalhos da autora aos quais se tem acesso são seus textos publicados na revista literária *La Lira Chilena* (1898 - 1907). Neste veículo, Martínez publicava sob o pseudônimo Maruja, prática comum entre escritoras deste período.

---

<sup>3</sup> Embora o Brasil no período fosse uma monarquia, também existiu no país um discurso político e patriótico acerca da ideia de maternidade, no qual as mulheres eram vistas como agentes responsáveis pela transmissão dos valores morais e responsabilidades cívicas aos seus filhos, e como guardiãs desses valores e princípios em seus matrimônios.

Segundo Joyce Contreras Villalobos, por volta de 1890 emergiu no Chile um conjunto de escritoras, grande parte delas educadoras, que publicavam nas revistas literárias que foram surgindo no período. Além da prática dos pseudônimos, essas autoras tinham em comum o feito de cultivarem diversos gêneros textuais, com destaque para a poesia e a prosa literária (CONTRERAS VILLALOBOS, 2020. p. 127-128). A historiadora ainda explica que frequentemente elas se citavam ou dedicavam seus textos umas às outras, formando entre elas uma consistente rede de autoras. Dentro desta rede identificada por Villalobos, além de María Eugenia Martínez, constam nomes como Emma Suárez, Enriqueta Meiggs, Celia Soto Glen, Edelmira Cortés, Leonor Urzúa, Susana Urzúa, a colombiana Josefina Isaza e as peruanas Margarida Praxedes e Mercedes Cabello Carbonera (CONTRERAS VILLALOBOS, 2020, *passim*).

A partir das citações, homenagens e textos trocados entre si, essas autoras davam visibilidade aos trabalhos umas das outras e iam se validando como sujeitos intelectuais, num campo ainda marcadamente masculino e que frequentemente as invisibilizava.

Um dos temas recorrentes explorados por essas escritoras dizia respeito à instrução e educação feminina. Algumas delas, como é o caso de María Eugenia Martínez, sustentavam seus argumentos em prol da educação feminina baseadas nos ideais da maternidade republicana. Em texto publicado em 1899, com o título “La instrucción de la mujer”, Maruja afirma: “No niego que la misión más grande i noble de la mujer es el cumplimiento de sus deberes en el hogar doméstico, primero de hija i luego después de esposa i madre” (*La Lira Chilena*, año II, nº 24, 11 de junio, 1899).

Esse discurso, encontrava-se bastante alinhado ao discurso oficial elaborado pelo Estado chileno no que dizia respeito aos seus objetivos relacionados à educação feminina. De acordo com Monteiro, Reyes e Rubio, no artigo “Escrituras De Maestras en Chile: perspectivas para su estudio (1880-1920)”, desde o princípio da República, em 1818, a educação foi vista como ferramenta civilizatória, e por isso ao longo do século XIX podemos ver o

desenvolvimento sistemático de instituições de ensino voltadas para meninas e a preocupação com a formação intelectual e, sobretudo, moral das mulheres. Segundo as autoras, com a fundação da Escuela Normal de Preceptoras, em 1853, sob a administração das religiosas da Ordem do Sagrado Coração, se reforçou institucionalmente o papel das professoras como as responsáveis por resguardar a moralidade nacional ( MONTERO, C., REYES L. E RUBIO, G., 2023, p. 74)

E foi a partir desse papel de guardiãs da moralidade nacional que algumas mulheres negociaram sua entrada nos espaços e debates públicos. Segundo Ana María Stuvén (STUVÉN, 2017), ao longo da segunda metade do século XIX setores conservadores, principalmente os vinculados ao catolicismo, viram nas mulheres um importante elo na formação da opinião pública e na defesa dos interesses da igreja católica em relação aos debates sobre laicização do Estado.

Assim, além do exercício do magistério através de aulas, as professoras do final do século XIX desenvolveram uma profícua produção escrita que se encontra em publicações institucionais da área da educação; atas, memórias e apresentações em congressos pedagógicos; regulamentos de instituições de ensino; livros que retomam a história e memória de liceus e escolas de ensino básico; revistas e jornais voltados para professores; revistas discentes; além de romances, ensaios, literatura infantil, artigos entre outros tipos de escritos.

Desta forma, além da sua já mencionada produção em revistas literárias, também podemos encontrar uma produção escrita de Martínez no campo da educação. Em 1912 ela participou do *Congreso Nacional de Enseñanza Secundaria*, com as apresentações “Importancia que debería darse a la enseñanza de la geografía e historia nacional en la enseñanza secundaria” e “El Liceo i la futura madre de familia”, ambas publicadas posteriormente no livro de memórias e atas do congresso (1913).

Além destes textos, a autora também escreveu um capítulo para o livro *Actividades Femininas en Chile*, publicado em 1927. Organizado pela

pedagoga e escritora Sara Guerin Elgueta, este livro tinha o objetivo de celebrar os 50 anos do Decreto Amunátegui, ato normativo sancionado em 1877 que permitia às mulheres cursarem o ensino superior. Para esta obra, Martínez escreveu o capítulo “La enseñanza feminina particular en Chile”, no qual fez um levantamento dos colégios particulares para meninas fundados desde o século XIX.

Desta forma, podemos observar como Martínez utilizou as transformações e os recursos disponíveis em seu contexto para publicar sua produção escrita. No entanto, embora Maruja tenha obtido alguns logros como escritora, sua trajetória denuncia um dos desafios apontados por Villalobos. Segundo Joyce Contreras Villalobos, em “Formas de inserción en el campo literario y principales debates en el ensayo de y sobre mujeres en el Chile de fines del siglo XIX”, a produção e circulação de livros era um procedimento mais caro e complexo, dificultando a publicação neste formato para as mulheres. A autora explica que as escritoras chilenas de finais do século XIX e começo do século XX tiveram uma maior inserção na imprensa periódica, visto que a produção deste tipo de material envolvia processos mais baratos e acessíveis. Desta forma, quando olhamos para a produção de María Eugenia Martínez, embora seja diversa e possa ser encontrada em revistas literárias, atas de congressos e compêndios sobre profissionalização feminina, a autora tem apenas um único livro de sua autoria publicado.

*Mujeres Célebres de Chile* foi publicado em 1911 pela Imprenta Chilena e o projeto editorial está carregado de lacunas que apontam para os desafios de se publicar um livro sendo mulher quando comparamos esta obra com trabalhos semelhantes de autores homens do século XIX. Em 1911 María Eugenia Martínez publicou o livro *Mujeres Célebres de Chile*, reunindo biografias de diversas mulheres do país em comemoração ao centenário da independência chilena, celebrada no final de 1910.

O livro de Martínez conta com apenas 28 páginas e não possui sumário, dedicatória, advertência ao leitor, apresentação, prólogo ou epílogo. Seu conteúdo também não está separado por capítulos ou subitens, sendo

composto por um único texto direto, que se inicia com dois parágrafos introdutórios e a partir do terceiro em diante já começa a se debruçar sobre as histórias de vida das personagens selecionadas. Todos estes dados apontam para um projeto editorial bastante simples, principalmente quando comparado com outras obras do gênero como *Rasgos biográficos de mujeres célebres de América* (1871), de José Bernardo Suárez e *Mujeres de la Independencia* (1878), de Vicente Grez. O primeiro livro possuía 192 páginas, dedicatória, advertência à leitora, sumário, epílogo e teve várias reedições. Já o segundo possuía 102 páginas, continha sumário, estava separado por capítulos e teve 3 reedições.

Outra diferença que chama a atenção entre essas obras diz respeito ao seu acesso. Os dois últimos livros citados, possuem versões físicas em diferentes bibliotecas do Chile e fora do país, enquanto *Mujeres Célebres de Chile* não tem versão física disponível em nenhuma das bibliotecas cadastradas no sistema nacional de bibliotecas do país. Apenas é possível encontrar uma versão digitalizada no site Memória Chilena, e uma cópia em microfilme na Biblioteca Nacional. Isto indica que provavelmente não foram impressos muitos números do livro, já que praticamente nenhuma edição perdurou ao longo do tempo, assim como não houve grande interesse por parte das instituições de salvaguarda de adquirirem mais volumes da obra para preservá-la.

No entanto, mesmo com as lacunas mencionadas, a obra cumpre com o seu objetivo de contribuir com o reconhecimento da participação das mulheres na formação de seu país. Em comparação aos dois outros trabalhos mencionados, embora o trabalho de Martínez apresente menor número de páginas, em contrapartida é o que apresenta mais mulheres chilenas biografadas, contando com um total de 39 personagens narradas.

Ainda que na introdução a autora diga se tratar de um livro para recordar a mulher chilena que “ha contribuído en su modesta esfera de accion a la ventura de la pátria” (MARTÍNEZ, 1911, p. 5), afirmando a seguir que “desde su hogar [la mujer chilena] ha cooperado para la prosperidad de esta

pátria tan amada” (MARTÍNEZ, 1911, p. 5), Martínez traz um grupo de mulheres que atuou em diferentes espaços. Essa variedade de frentes nas quais estas célebres personalidades levantadas por Martínez atuaram servem de eixo organizador da obra. Assim, podemos identificar no livro 5 eixos temáticos, dispostos na seguinte ordem: mulheres da independência, poetisas, mulheres dedicadas à caridade, artistas e o quinto e último é sobre educadoras.

Desta forma, embora Martínez recorra ao ideal de domesticidade, sua obra o transgride ao incluir mulheres em arenas públicas, artísticas e políticas. Além disso, ao encerrar o livro tratando das educadoras, a autora em certa medida coloca esta categoria em destaque, demonstrando um esforço de valorização e validação de sua própria atuação e a de sua rede. Portanto, podemos concluir que embora María Eugenia Martínez exalte o papel maternal e doméstico, assim como Sabino, ela também busca ampliar os espaços de atuação feminina.

### **Comparando os casos**

Ao observar em conjunto as trajetórias e os trabalhos de ambas as autoras é possível uma série de semelhanças no que se refere aos desafios e às limitações impostas às mulheres escritoras, da mesma maneira que as vemos recorrerem a algumas alternativas parecidas para enfrentarem seus contextos.

Tanto Ignez Sabino quanto María Eugenia Martínez encontraram na imprensa periódica uma porta de entrada para a publicação de seus escritos e se utilizaram da formação de redes para consolidar, ou ampliar, seu espaço no mercado de impressos. No caso de Ignez Sabino, através das dedicatórias e prefácios de seus livros a autora buscou criar uma rede que incluía desde outras autoras a nomes influentes no campo político e literário, formando uma vasta e significativa rede de contato, o que poderá ter funcionado como um dos fatores que a permitiu trabalhar junto a nomes como Hippolyte Garnier,

conhecido livreiro oitocentista. Enquanto isso, no caso de Martínez, a autora parece ter ficado mais restrita a um grupo de escritoras que se assemelhava ao seu próprio contexto e ao espaço aberto pelo ambiente pedagógico. Assim, embora ela tenha apresentado mais dificuldades em romper as barreiras impostas pelo seu período, se comparada à Ignez Sabino, por outro lado, a autora ainda conseguiu se consolidar dentro de um determinado modelo de publicação. O círculo ao qual pertencia Martínez tirou do isolamento escritoras que encontraram umas nas outras interlocutoras e difusoras de seus trabalhos, e ampliaram em certa medida as discussões sobre a instrução e a profissionalização femininas.

Nesse sentido, um outro ponto comum em ambos os casos diz respeito à valorização da produção intelectual feminina. Seja através dos textos que publicavam na imprensa, ou mais especificamente a partir de seus trabalhos biográficos, ambas as autoras recorreram aos exemplos de outras mulheres para defender o acesso das mulheres à educação e a sua inserção em certas esferas da vida pública.

Para isso, ambas as escritoras mobilizaram o ideal de maternidade vigente, defendendo a instrução feminina como um fator primordial para um bom exercício da maternidade e transmissão dos valores morais e cívicos defendidos no período. Além disso, através de seus trabalhos biográficos as autoras não só contribuíram para consolidar os discursos históricos em formação em seus países, como também os tensionaram. Apesar de partirem de um discurso alinhado aos valores hegemônicos de domesticidade, as duas autoras contribuíram para ampliar os limites da memória nacional. Ao inscreverem mulheres como sujeitos históricos — seja em galerias de celebridades mais robustas, como no caso de Sabino, seja em compilações mais simples, mas abrangentes em número de personagens, como em Martínez —, elas tensionaram o monopólio masculino sobre a narrativa do passado e abriram espaço para a pluralização da história de seus países.

## Conclusão



A análise da produção de Ignez Sabino e María Eugenia Martínez demonstra como em contextos distintos, mas atravessados por desafios semelhantes, as escritoras latino-americanas do final do século XIX e início do XX mobilizaram o gênero biográfico como recurso para se inserirem no mercado de impressos e legitimarem sua atuação intelectual. Ambas recorreram a estratégias de negociação com os discursos hegemônicos de sua época — seja pela retórica da autodepreciação, seja pela exaltação da maternidade republicana — para publicar seus trabalhos e defender o direito à instrução e à profissionalização feminina.

Além disso, as obras das duas autoras são carregadas de tensões e contradições, pois, ao mesmo tempo em que reafirmavam ideais de domesticidade, também apresentavam exemplos de mulheres que transgrediram limites e ocuparam espaços públicos, literários e políticos, pleiteando esses direitos para si mesmas e para as mulheres de sua época. Dessa forma, os escritos de Sabino e Martínez não apenas ampliaram a presença feminina no campo das letras, como também contribuíram para a construção de uma memória histórica em que as mulheres assumem lugar ativo na formação cultural e nacional do Brasil e do Chile.

## Referências

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia*. Orientadora: Maria Luiza Ritzel Remédios. 2008. 284 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CEZAR, Temístocles. Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX. *MÉTIS: história & cultura* – v. 2, n. 3, p. 73-94, jan./jun. 2003.

*Congreso Nacional de Enseñanza Secundaria: memorias-actas*. Santiago: Imprenta Universitaria, 1912-1913. 2 v. Disponível em:

[https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3\\_article-86437.html](https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3_article-86437.html). Acesso em julho de 2024.

CORNEJO, Marina Alvarado. Discursos femeninos/feministas y posicionamiento de revistas. *Taller de Letras*, n. 48, p. 29-44, 2011.

\_\_\_\_\_. Escritoras anónimas en las columnas de revistas chilenas de fines del XIX e inicios de siglo XX: un problema de género y autoral. *Contextos*, n. 33, p. 13-28, 2015.

\_\_\_\_\_. La biografía como ancla prensa y folletín chilenos del siglo XIX (1842-1881). *Taller de Letras*, n. 60, 2017.

CORTÉS ALIAGA, Glória. De unas y otras: la construcción de una escritura femenina sobre las artes en Chile entre 1824 y 1927. *Rev. Inst. Estud. Bras.* São Paulo, n. 87, 2024.

ELGUETA, Sara Guérin de. *Actividades femeninas en Chile*. Santiago: Imprenta y Litografía La Ilustración, 1928.

ENDERS, Armelle. O Plutarco brasileiro. A produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. *Revista Estudos Históricos*, v. 14 n. 25, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no Século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

GREZ, Vicente. *Las mujeres de la independência*. Santiago: Imprenta Gutenberg, 1878.

HURTADO, Edda. Intelectuales Tradicionales, Educación de las Mujeres y Maternidad Republicana en los Albores del Siglo XIX en Chile. *Acta Literaria*, Chile: n. 44, p. 121-134, 2012.

IBARRA CIFUENTES, Patricio. Liberalismo y prensa: Leyes de imprenta en el Chile decimonónico (1812-1872). *Rev. estud. hist.-juríd.*, Valparaíso, n. 36, p. 293-313, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0716-54552014000100010>.

MARTÍNEZ, María Eugenia. “La instrucción en la mujer”. *La Lira Chilena*, año II, no. 24, 1899, p. 9.

\_\_\_\_\_. *Mujeres Célebres de Chile*. Santiago: Imprenta Santiago, 1911.

MONTERO, C., Reyes L. e Rubio, G. Escrituras de maestras en Chile: perspectivas para su estudio (1880-1920). *Revista Chilena de literatura*, n. 108, 2023.

LIMA, Antonia Rosane Pereira. “*Mulheres Ilustres do Brasil*”, de Ignez Sabino, e sua ressonância em dicionários de autoria feminina nos séculos XX e XXI. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Feira de Santana, 2019.

LÓPEZ, Luisa Zanelli. *Mujeres chilenas de letras*. Imprenta Universitaria: Santiago. 1917.

MARTÍNEZ, Maria Eujenia. *Mujeres Célebres de Chile*. Santiago: Imprenta Santiago, 1911.

MARTINS, Ana Luiza., e DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Maria da Glória. “Biografia e historia magistra vitae; sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil oitocentista”. *Anos 90* (Online) (Porto Alegre), v. 22, p. 273-294, 2015.

\_\_\_\_\_. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

\_\_\_\_\_. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *HISTÓRIA*, SÃO PAULO, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

PAMPLONA, Marco; STUVEN, Ana Maria. *Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos*. 2 ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. \_\_\_\_\_. "Repensando a História Comparada da América Latina". *Revista de História (USP)*, v. 153, 2005.

QUINLAN, Susan C. Inês Sabino e as personagens femininas na Belle Époque. *Letras de Hoje*, l.], v. 33, n. 3, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/15101>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SABINO, Ignez. *Impressões*. Pernambuco: Tipografia Apollo, 1887.

\_\_\_\_\_. *Contos e Lapidações*. Rio de Janeiro: Laemmert e Cia Editores, 1891.

\_\_\_\_\_. *Mulheres Ilustres do Brazil*. 1899. Reimpressão fac-similar, Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e sociedade*. Porto Alegre, v. 16, n. 2, 1995.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Brasileiras Célebres*. Rio de Janeiro: Livraria de B. L. Garnier, 1862.

SILVA, Laila Thaís Correa e. *Dos projetos literários dos “homens de letras” à literatura combativa das mulheres de letras: imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX*. Tese de Doutorado em História Social. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2021.

\_\_\_\_\_. Ignez Sabino: interpretações sobre o Brasil e uma historiografia feminista no século XIX. *Temáticas*, Campinas, 30, (59): 22-56, fev./jun. 2022.

SOIHET, Rachel. Violência Simbólica: Saberes Masculinos e Representações Femininas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1 jan. 1997.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. *Mulheres e ideias impressas: Projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855)*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG, 2019.

SUÁREZ, José Bernardo. *Rasgos biográficos de mujeres célebres de América: escritos, traducidos i extractados para uso de las jóvenes*. Santiago do Chile: Imprenta Chilena, 1871.

VALDEBENITO, Alfonso. *Historia del periodismo chileno (1812-1955)*. 2 ed. Santiago de Chile, 1956, p. 49. Disponível em: . Acesso em julho de 2024.

VILLALOBOS, Joyce Contreras. Formas de inserción en el campo literario y principales debates en el ensayo de y sobre mujeres en el Chile de fines del siglo XIX.

*LITERATURA Y LINGÜÍSTICA*, n.42, 2020.

WEINSTEIN, Bárbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.14, jan./jun. 2013.

Recebido em dezembro 2025  
Aprovado em janeiro de 2026.